

A black and white portrait of Viviane Mosé, a woman with short, curly hair, wearing glasses and smiling. The portrait is positioned on the left side of the cover, with a dark purple background on the right.

Entrevista VIVIANE MOSÉ

Psicanalista,
poeta e
filósofa

Entrevistadores:
Otávio Morato
Ernesto Miranda



Revista do CAAP



ENTREVISTA COM VIVIANE MOSÉ, PSICANALISTA, POETA E FILÓSOFA

Otávio Morato¹

Ernesto Miranda²

Apresentação

Nascida em Vitória (ES), Viviane Mosé graduou-se em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), é mestra e doutora em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A articulação entre o pensamento acadêmico e o cotidiano torna suas reflexões uma fonte de inspiração para diferentes públicos. Apresentou a série “Ser ou não Ser” no programa *Fantástico*, na qual abordou temas filosóficos em uma linguagem acessível. Também foi comentarista da Rádio CBN no quadro “Liberdade de Expressão” (ao lado de Artur Xexéo e Carlos Heitor Cony), colaborou com o programa *Encontro com Fátima Bernardes* e com o *ICL Notícias*. Membro da Academia Brasileira de Cultura, é autora de treze livros, com indicações ao Prêmio Jabuti por *Stela do Patrocínio – Reino dos bichos e dos animais é o meu nome* (Azougue, 2001) e *A escola e os desafios contemporâneos* (Civilização Brasileira, 2013). Em suas palestras, tem como principais temas a sociedade em rede e os desafios do mundo contemporâneo, especialmente aplicados à educação e à gestão pública e privada. Nesta entrevista exclusiva à *Revista do CAAP*, Mosé oferece uma leitura sensível e crítica sobre filosofia e literatura, revelando como essas linguagens se entrelaçam em sua trajetória.

¹ Doutorando em Direito na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com período sanduiche na Université libre de Bruxelles – Bélgica. Mestre em Direito pela UFMG. Pós-graduado em Direito Civil pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG). Bacharel em Direito pela UFMG. Bacharel em Ciências Contábeis pela PUC Minas e Bacharel em Administração pela PUC Minas. Editor-Chefe da Revista do CAAP. E-mail: otaviomorato@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0541-7353>.

² Bacharelando em Direito na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Bolsista de Desenvolvimento em Ciência, Tecnologia e Inovação pela Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG). Pesquisador dedicado às seguintes áreas: epistemologia, filosofia do direito e hermenêutica jurídica. Atualmente, discute o kantismo e o positivismo jurídico presentes na teoria do direito de Hans Kelsen. Monitor de Hermenêutica Jurídica no curso de Direito da UFMG. E-mail: ernestomcarvalho@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-9878-0664>.

1. Sua obra transita, entre outros temas, pela filosofia, poesia e psicanálise. Existe uma linha que conecta essas áreas na sua trajetória intelectual e afetiva?

Sim, existe. Todo o meu trabalho gira em torno da linguagem verbal, me interesso pela palavra, por sua possibilidade, me interessa o nascimento e a instauração do domínio dos signos, o aparelho de linguagem da consciência, o pensamento e a virtualidade. ‘Do *homo sapiens* à crítica da razão’, é o subtítulo do meu livro *A espécie que sabe (Civilização Brasileira, 2024)*¹. Na verdade, me interessa o humano e suas particularidades, a linguagem verbal é a maior delas.

Desde muito pequena escrevo poemas. Lido com a ludicidade e a expressividade das palavras desde que tenho memória. Lidar com as palavras sempre foi um refúgio para mim, um conforto. Falo sobre isso em meu livro autobiográfico *Meu braço esquerdo: um sim à vida (Civilização Brasileira, 2024)*². Dois dias antes de fazer 17 anos entrei na UFES, no curso de Psicologia, onde me dediquei ao estudo do psiquismo humano, que se estrutura por meio da linguagem. Estudei Freud e seus discípulos e dissidentes como Lacan, Jung, Reich, Ferenczi. Ao mesmo tempo, como monitora de filosofia, exercitava a argumentação, a ousadia crítica. O estudo da filosofia permite a sofisticação do discurso, o alargamento das argumentações, até a proposição de perspectivas, de conceitos. Minha monografia de graduação tinha como título “Nietzsche, Artaud e a Arte”, e a prática clínica proposta se chamava “Uma vivência artística do abandono”, o que já

manifestava a necessidade de vincular poesia, filosofia e psicologia, ou psicanálise, o que nem sempre era bem visto, na época. Tanto na poesia, na psicologia, quanto na filosofia e na psicanálise, meu interesse pelo humano sempre foi permeado pelo interesse pela palavra. Na verdade, passei muito tempo em conflito com esses diversos caminhos, e era muito cobrada por isso: afinal te apresento como? Aos poucos, fui entendendo essa diversidade como parte do meu pensamento, que se sustenta em uma crítica da razão, fundamentada em Nietzsche. Não uma linha de raciocínio, mas a possibilidade de lidar com um campo de forças discursivo, ao mesmo tempo vinculado à sensibilidade, ao corpo, o pensamento como um choque.

2. Em sintonia com o Nietzsche que você tão bem interpreta, como a crítica ao racionalismo pode redesenhar nossa maneira de conhecer e viver?

A crítica nietzschiana ao racionalismo tem como característica ser ao mesmo tempo fruto de um diagnóstico, mas também de um complô. De um lado, Nietzsche argumenta que o modelo reducionista da linguagem verbal e do pensamento – que a lógica socrático-platônica, assim como a racionalidade cartesiana, irá instaurar – entra em choque com as potências da vida que são excessivas, transbordantes, desordenadas. Mas, ao mesmo tempo em que ele percebe o inevitável, que terminou de fato culminando com a pós-verdade e a guerra da informação, ele também pode ser considerado aquele que ajudou a provocar, ou acelerar essa inevitável crise contemporânea.

O humano é um ser simbólico, capaz de produzir signos, mas ele não é um animal racional. A racionalidade não é natural nos humanos, ela é produzida, por isso mesmo está submetida a jogos de poder. O que Nietzsche percebe é que a racionalidade socrático-platônica, que se estruturou com Aristóteles e, mais tarde, com o cartesianismo, é uma escolha moral que tem como alvo uma negação da vida, do corpo, da terra, como podemos infelizmente constatar atualmente.

As pluralidades e diferenças permitidas pela sociedade em rede nos impõem um modelo discursivo mais amplo, mas, infelizmente, grandes transformações como essas, sempre acontecem por meio de guerras, devastações – hoje vivemos a guerra da informação. Eu vejo tudo isso como uma forma de expansão do humano imposta pela vida, ou natureza, como queiram chamar. O universo e suas múltiplas galáxias estão em expansão. A vida em seus fluxos não cabe no discurso reducionista que criamos, muito menos no humano que nos tornamos. A proposta de Nietzsche era desconstruir o edifício conceitual antes que desabasse. Ninguém o ouviu. Agora temos que lidar com os destroços daquilo que ainda não acabou de desabar. Infelizmente.

3. Como psicóloga, você acompanha de perto a crescente tendência de traduzir experiências subjetivas em diagnósticos clínicos. Que implicações vê na “patologização” – e, às vezes, na excessiva medicalização – da vida cotidiana?

São sinais de um mundo e de um humano que desaba. O adoecimento da vida é um modo de controle social e uma imensa fonte de lucro, especialmente da indústria farmacêutica, mas não apenas. Todo um complexo de profissionais e terapêuticas, cada vez mais sem formação acadêmica alguma, se organiza em torno desse consumidor ávido e dependente. E que também é facilmente manipulado econômica e politicamente, tendo em vista o seu desgosto com a vida.

É mais barato criar fracos do que punir fortes, diz Michel Foucault sobre as novas tecnologias do poder no que diz respeito ao controle social. Mas tudo isso se sustenta em uma fraqueza humana que nasce da negação do seu nascimento como animal, em continuidade com a água, com o chão. O humano é filho da terra e está em continuidade com o ser unicelular que deu origem aos seres vivos, animados. O humano é parte de um imenso e grandioso processo que ele nega, e constrói sobre esta negação a sua civilização. O humano em sua civilização quer negar a vida. A civilização se constrói sobre uma negação.

Quando passa a ser filho da civilização, o humano perde suas fontes de retroalimentação e torna-se filho do mercado, onde tudo é produto, inclusive os afetos. Diagnósticos têm sido servidos em bandejas, produtos para todas as demandas. Toda dor virou sinônimo de doença, o que implica uma cadeia de tratamentos.

Mas, em uma leitura nietzschiana, os humanos sustentam essa máquina de lucro porque ainda não são capazes de lidar com a dor, a perda, a morte, inevitáveis no processo que se chama vida. Falam de

verdade, mas pagam caro por qualquer ilusão. Ao contrário de cobrar caro para anestesiar as dores humanas, grande parte delas inevitáveis, a civilização deveria fortalecer os humanos para que se tornassem capazes de lidar com elas. Não só lidar, mas se potencializar, se fortalecer com elas por meio da expressividade. O senso estético não se sustenta no objeto, em sua posse ou perda, mas no sujeito que sente. Não importa o que o objeto é, mas aquilo que ele te provoca, e isso depende mais de sua sensibilidade. Cada um sente de modo singular e é exatamente isso que nos arranca da solidão constitutiva em que vivemos desde sempre, e nos fortalece. É esta a força que Nietzsche valoriza, capaz de sentir as dores em vez de anestesiá-las com as promessas de paraíso embutidas em cada produto que compramos.

4. A tecnologia, especialmente a inteligência artificial, tem reconfigurado profundamente nossas relações. Em entrevista recente à *Revista do CAAP*, o neurocientista Sidarta Ribeiro chegou a afirmar que estamos em processo avançado de “ciborguização”³. Como equilibrar, do ponto de vista filosófico, a imersão digital com a necessidade de experiências humanas mais densas e sensíveis?

Existe muito mito em torno da inteligência artificial. A substituição do trabalho humano, por exemplo, é vista como um terror. Mas o humano não nasceu para trabalhar oito horas por dia e gastar muitas vezes uma ou duas, até três horas de trânsito para chegar em casa. O meio ambiente agradeceria a redução drástica

do fluxo dos transportes. Vivemos em um regime de escravidão. Se as máquinas substituíssem esse escravo, quem sabe a gente possa se dedicar ao que importa, viver. A existência humana tem muitos desafios em si mesma, o nascimento, as relações pessoais, familiares, os amigos, o amor, o autoconhecimento, tudo é muito complexo e cheio de desafios, alegrias, mas também muitas dores. Passamos por cima de tudo isso, que é viver, sentir, se expressar, expandir a alma, amadurecer como pessoa, para nos inserirmos nessa roda macabra do trabalho escravo. Nossas dores de crescimento estão sendo medicadas, anestesiadas para não atrapalhar o lucro, mas as dores da vida se resolvem vivendo, se relacionando, aprendendo. A vida acontece na troca. Nascemos, crescemos e morremos cada vez mais à margem da vida e à mercê da máquina de lucros.

Trabalhar menos, porque sempre haverá trabalho, já que o mercado se alimenta do consumo e não pode se dar ao luxo de muitas pessoas desempregadas, poderá nos permitir uma ampliação do humano, hoje tão rasteiro e mesquinho, adoecido, vítima antes de tudo de si mesmo, do seu medo diante da vida, de sua covardia. Viver é um desafio imenso e exige coragem. A IA é mais uma tecnologia, assim como foi o avião que, além de transportar pessoas, explodiu Hiroshima. A questão não é a tecnologia, mas como nos apropriamos dela.

5. Para encerrarmos: que projetos e iniciativas você tem desenvolvido atualmente e gostaria de compartilhar com nossos leitores?

Lancei meu último livro *Meu braço esquerdo* (Civilização Brasileira, 2024), um relato poético e autobiográfico que quero que conheçam. O vínculo entre pensamento e vida está ali delineado. Falo muito sobre vivenciar e processar as dores e perdas. Ali mostro como isso acontece comigo, a dor sendo mediada pela expressividade, pela arte. Meus livros de poemas esgotados serão lançados ainda este ano em um volume único, *Poesia reunida*, e estou muito contente com isso. E como meu trabalho presencial é sempre em eventos fechados, tenho feito aulas-show em teatros, abertas ao público, ao calor das pessoas, às presenças. Terei prazer em conhecê-los [a comunidade acadêmica da UFMG] um dia.

* * *

REFERÊNCIAS

¹ MOSÉ, Viviane. *A espécie que sabe*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024.

² MOSÉ, Viviane. *Meu braço esquerdo: um sim à vida*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024.

³ ANDRADE, Otávio Morato de; BARBOSA, Lais Barreto Barbosa; RIBEIRO, Sidarta. Entrevista com Sidarta Ribeiro, neurocientista e escritor. *Revista do CAAP*, v. 29, p. 1-6. Belo Horizonte, 2025.